

225 ANOS DO CONSULADO DOS EUA NOS AÇORES: A MAIS ANTIGA REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA DO MUNDO

Paulo Fontes

Texto entregue em Outubro de 2020

A RELAÇÃO ENTRE OS ESTADOS UNIDOS da América e o arquipélago dos Açores remonta ao período da formação da nação norte-americana, no final do Século XVIII.

Em 1777, um ano após Thomas Jefferson, principal autor do texto da célebre Declaração de Independência, ter proclamado, na cidade de Filadélfia, a 4 de julho de 1776, que “*all men are created equal*”, os Açores deram apoio a corvetas da jovem nação que rumavam a França em iniciativas diplomáticas que procuravam assegurar uma aliança política e militar com o reino francês, que se revelaria determinante para o sucesso da Revolução Americana.

Em 1795, depois do fim da Guerra da Independência Americana, já no período de vigência da Constituição federal, marcada pela proeminência de James Madison e ratificada em 1788, e no decurso do segundo mandato do Presidente George Washington, os Estados Unidos da América estabeleceram o seu primeiro consulado no arquipélago dos Açores, há 225 anos.

Desde a sua instalação, o Consulado dos Estados Unidos da América nos Açores funcionou na cidade da Horta durante 122 anos, até à sua transferência, em 1917, para Ponta Delgada. John Street foi o primeiro cônsul, na Horta, tendo nomeado o primeiro vice-cônsul Thomas Hickling, a 7 de julho de 1795, para Ponta Delgada. Este foi um período em que a liberdade de navegação, a baleação, a emigração e os cabos submarinos foram fatores centrais da relação entre os EUA e os Açores.

Os Americanos e os Açores

Desde 1750 até cerca de 1920, os navios baleeiros americanos viram-se impelidos para os Açores pelos ventos dominantes e pela Corrente do Golfo ao mesmo tempo que se sentiam atraídos pela presença de grandes quantidades de cachalotes existentes em redor das chamadas *Western Islands* (Açores). Além da oportunidade que uma escala em terra lhes dava para se reabastecerem de água e de provisões frescas, podiam ali recrutar novos elementos para completar as tripulações. Durante um século e meio, foram estas as principais razões que levaram os baleeiros americanos a escalar o porto da Horta e outros portos açorianos, mais do que qualquer outro lugar no estrangeiro.¹

Esta ponte de ligação que os navios baleeiros estabeleceram entre os Açores e New Bedford teve uma influência decisiva no crescimento da indústria baleeira, e, até da própria cidade. Os açorianos estiveram presentes nos navios baleeiros americanos logo a partir dos começos do século XIX. Faziam parte dessa heroica aventura quando a indústria e atividades baleeiras atingiram o seu apogeu, no final da década de

1850, geralmente como simples marinheiros de convés e como trancadores. Já para o fim da era baleeira, tinham-se tornado a força dominante na baleação americana, ocupando posições de capitães, oficiais, e mesmo, armadores.

Torna-se evidente que esta ponte estabelecida pelos navios baleeiros constituiu a primeira fase da emigração portuguesa para os Estados Unidos. Por muitas razões, como a fuga ao recrutamento militar, o escape às condições opressoras duma pobreza hereditária e inevitável, imposta por um excesso de população num território demasiado exíguo para a suportar, um certo isolamento paralisante, ou, até, determinados problemas políticos, muitos açorianos e açorianas começaram a infiltrar-se nos Estados Unidos, sob a forma de mão-de-obra inexperiente e barata nas atividades baleeiras.²

Os Dabney: três gerações que marcaram a Ilha do Faial

A criação de uma rede consular americana nas ilhas leva-nos aos Dabney que, ao longo de três gerações familiares – John Bass Dabney, Charles William Dabney e Samuel Dabney –, entre 1806 e 1891, desempenharam funções de representação diplomática na cidade da Horta, marcando assim uma época nas “ilhas do canal” (Faial e Pico) a que o investigador Ricardo Manuel Madruga da Costa (2009) chamou “o século Dabney”.

“**O Consulado dos Estados Unidos nos Açores é o mais antigo posto diplomático norte-americano, do género, no mundo.**”

A família Dabney mantinha uma grande atividade comercial e marítima na Horta e suas imediações, na ilha do Faial, onde as suas casas eram enormes, bem mobiladas e rodeadas de magníficos jardins. Mantinham o prestígio do Governo Americano através de uma hospitalidade generosa a pessoas distintas. Pode-se compreender que o vencimento dum cônsul americano não teria sido suficiente para manter tão elegante estilo de vida. Sendo assim, entendeu-se ser essencial a um cônsul no Faial ter fortuna pessoal.⁴

Naquele tempo, havia grande prosperidade naquela parte dos Açores, envolvendo a exportação de laranjas para a Inglaterra, vinho do Pico, óleo de baleia e âmbar para os Estados Unidos e ainda emigração de açorianos e açorianas em larga escala para a América. Em todos estes as-

pectos, comerciais e de transporte, o cônsul Charles W. Dabney e seu filho Samuel W. Dabney tiveram papel de relevo.⁵

Relações Transatlânticas do Século XX aos nossos dias

Na antecâmara do século XX, um conjunto de alterações económicas e geoestratégicas sucedem-se e a Ilha do Faial perde importância estratégica, também devido à maior pujança e concentração de população na Ilha de São Miguel. Os Estados Unidos decidem deslocar o seu Consulado e, a 1 de maio de 1899, inicia oficialmente o Consulado Americano em Ponta Delgada. O escritório da Horta foi reduzido à categoria de agência consular nos finais de abril de 1899, quando o cônsul Pickerell transferiu o Consulado para São Miguel.

O Sr. Moyses Benarus, que tinha sido vice-cônsul na Horta, passou a agente consular até 24 de janeiro de 1918, quando esses escritórios e o da Terceira foram definitivamente encerrados e todos os serviços consulares dos Açores passaram a ser feitos em S. Miguel, devido à guerra. As outras agências consulares americanas, situadas respetivamente nas Flores e S. Jorge que tinham estado sob a jurisdição do Consulado Americano da Horta e em 1899 sob a jurisdição do consulado em S. Miguel, tinham sido encerradas definitivamente antes do fecho das agências consulares da Horta e Terceira.⁶

Os cônsules americanos em S. Miguel ocupavam-se principalmente da situação de cidadãos americanos naturalizados, que haviam nascido nos Açores, e dos seus filhos, envolvendo investigações relativas a naturalização fraudulenta, deportação, isenção do serviço militar, taxas militares, assuntos relativos à emigração para os Estados Unidos da América.⁷

Outros acontecimentos também se deram ao mais alto nível das relações diplomáticas, assinala-se a primeira passagem do ex-Presidente Theodore Roosevelt por Ponta Delgada, a 30 de março de 1909, onde parou algumas horas, na sua viagem para África. Nessa estada, o Cônsul Creevey levou-o a uma colina, o Alto da Mãe de Deus, onde hoje se situa o Passeio Theodore Roosevelt e existe uma pedra ao longo do passeio assinalando o facto.⁸

Após 1917, na sequência da entrada dos EUA na Primeira Guerra Mundial, as relações entre os norte-americanos e os açorianos aprofundaram-se, assistindo-se à cedência de pontos de apoio às forças navais norte-americanas nas nossas ilhas e à instalação de uma base naval da *US Navy* na cidade de Ponta Delgada.⁹

A base naval americana do Atlântico Central ficou estabelecida em Ponta Delgada durante a Grande Guerra a fim de proteger os transportes

OS AÇORES: UMA PONTE NO ATLÂNTICO

O Arquipélago dos Açores sempre desempenhou um papel especial na relação bilateral de Portugal com os Estados Unidos. Famílias de ambos os lados, culturas e economias cresceram juntas nos últimos 225 anos. Estes laços fundaram a prosperidade e segurança conjunta, numa relação que se foi reforçando. Nas sociedades que se constituem de ambos os lados, a maioria dos Portugueses-Americanos é de origem açoriana, estimando-se serem mais de um milhão nos EUA.

Projetando o futuro, os Açores continuam a desempenhar um papel muito importante ao estabelecerem uma ponte no Atlântico. De ambos os lados são feitos investimentos e emergem mais turistas americanos e estudantes em intercâmbio. Hoje, já não são só os açorianos que emigram, muitos norte-americanos têm fixado residência nos Açores, procurando a segurança e a qualidade de vida que o arquipélago proporciona.

A par do papel estratégico que Açores podem desempenhar nas novas configurações de segurança do Atlântico, temos razões suficientes para brindarmos aos 225 anos de uma longa relação atlântica.

americanos que levavam tropas para França e com outras finalidades estratégicas. O almirante Dunn e o seu sucessor, o almirante Jackson, mantiveram uma esquadra de *destroyers* que eram apoiados por hidroaviões. Na manhã de 4 de julho de 1917, um submarino alemão disparou algumas granadas do exterior do molhe para Ponta Delgada, uma das quais matou uma rapariga de 16 anos, na Fajã de Cima. O barco carvoeiro “Orion” na baía de Ponta Delgada, perto do molhe, rapidamente disparou algumas granadas e o submarino submergiu e rapidamente desapareceu.¹⁰

A 16 de julho de 1918, a nova visita de Roosevelt aos Açores contemplou o porto da Horta, na ilha do Faial e o Porto de Ponta Delgada, que eram os dois utilizados pelos navios aliados para apoio logístico durante a Primeira Guerra Mundial. Na altura, em declarações prestadas ao jornal micaelense, *República*, Roosevelt afirmou que graças à sua importância geoestratégica, os Açores haviam prestado um contributo muito especial no que concerne ao transporte de tropas do Novo para o Velho continente, tornando possível, desta forma, que o desfecho da guerra não se prolongasse. Roosevelt despertou o mundo para a importância da posição geoestratégica dos Açores.¹¹

Mais tarde, em 1944, já na fase final da Segunda Guerra Mundial, foi instalada uma base aérea norte-americana na Ilha de Santa Maria, que cerca de três anos depois era transferida para a Base das Lajes, na Ilha Terceira.

Em 1949, Portugal foi convidado, ao contrário de Espanha, para membro fundador da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), embora não tivesse um regime democrático, graças à importância geoestratégica dos Açores, em especial da Base das Lajes. Ao longo do restante período do Século XX, os Açores revelaram-se fundamentais para a condução da geopolítica americana.

A relação estreita entre os EUA e os Açores permitiu à região e a Portugal fazer parte do esforço que o mundo ocidental, liderado pelos norte-americanos, desenvolveu na defesa da Paz, da Liberdade, da Democracia, da segurança, da livre navegação aérea e marítima e da estruturação de uma Comunidade Internacional subordinada a regras e dotada de instituições multilaterais comprometidas com a promoção e a salvaguarda do Direito Internacional e dos Direitos Humanos.

Nas décadas de 1960 e 1970 o Consulado norte-americano prestou um papel da maior importância no apoio às vagas de emigração dos Açores para os Estados Unidos, uma função que continuaria a desempenhar nas décadas seguintes, embora de uma forma mais atenuada devido a novas circunstâncias, quer na Região, quer nos Estados Unidos.

Atualmente a missão do Consulado norte-americano nos Açores é desenvolvida em três domínios principais: 1) manter os laços históricos de parceria e amizade com o povo e com o Governo da Região Autónoma dos Açores e de Portugal; 2) prestar serviços de alta qualidade aos cidadãos dos EUA nos Açores, salvaguardando a sua segurança e bem-estar, uma função de importância crescente face ao grande aumento de fluxos turísticos dos EUA para o arquipélago; e 3) aumentar os intercâmbios educacionais, comerciais e culturais entre os Estados Unidos e os Açores, especialmente nas áreas da energias renováveis, das tecnologias verdes, dos negócios e do turismo.

O Consulado dos Estados Unidos nos Açores é o mais antigo posto diplomático norte-americano, do género, no mundo. Contabiliza 225 anos de funcionamento contínuo que consolidaram o aprofundamento de uma relação de amizade, de cooperação e de respeito mútuo que muito contribuiu para a concretização de interesses comuns que beneficiaram ambas as partes, ao longo de mais de dois séculos de história e destino comuns. ■

Notas

¹ Vermette, Sílvia (1995) Os Yankees e o Faial. In “O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XIX”. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

² *Idem*.

³ Riley, Carlos G. (2015). Os Açores e os Estados Unidos da América no “Longo Século XIX”. *Nação e Defesa*, Nº 141; Vermette, Sílvia (1995) Os Yankees e o Faial. In “O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XIX”. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

⁴ Doty, William F. (2006). Esboço Histórico do Consulado Americano nos Açores. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

⁵ *Idem*.

⁶ *Ibidem*.

⁷ *Ibidem*.

⁸ *Ibidem*.

⁹ Andrade, Luís (1993). Neutralidade Colaborante: O Caso de Portugal na Segunda Guerra Mundial. Ponta Delgada: (s.e.).

¹⁰ Doty, William F. (2006). Esboço Histórico do Consulado Americano nos Açores. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

¹¹ Andrade, Luís (2008). Os Açores e a Segunda Guerra Mundial. In “Franklin Roosevelt e os Açores nas duas Guerras Mundiais”. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

Bibliografia geral

Costa, Ricardo Manuel Madruga da (2009). *O Século Dabney: Uma Perspetiva das Relações entre os Açores e os Estados Unidos da América à Luz da Correspondência Consular, 1806-1892*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Embaixada e Consulado dos EUA em Portugal. Site Oficial.

Disponível em: <https://pt.usembassy.gov/pt/embassy-consulate-pt/ponta-delgada-pt/>

Wheeler, Douglas (1988). “The Azores and the United States (1787-1987): Two Hundred Years of Shared History”. Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira n.º1, pp. 55-71